

Deu pane geral

Quando as engrenagens da máquina falham, o resultado pode ser um desastre, como o que se viu no jogo do Santos contra o Náutico

MICHAEL SANTOS

DA REDAÇÃO

Nada deu certo. Nem na parte técnica, nem na tática. Erros em vários setores comprometeram a atuação (abaixo da média) do Santos contra o Náutico. Ao analisar friamente lances e números, constata-se o seguinte: foi uma noite para se esquecer, em função de engrenagens que não funcionaram.



LÁ NA FRENTE

Sem atletas que o colocassem em condição de concluir, Willian José sumiu. Diferentemente das últimas duas partidas, quando anotou dois gols (diante do Grêmio e do Criciúma), foi figura apagada. Deve ser ressaltado que o Peixe sentiu falta de Thiago Ribeiro, também suspenso. O atacante é arisco, gosta de driblar em diagonal em direção ao gol para chutar. Giva é diferente, mais finalizador. Inclusive, foi mal nesse fundamento. Perdeu pelo menos dois gols feitos.

MEIO-CAMPO

No meio-campo, é possível afirmar que os donos da casa (o jogo foi na Vila Belmiro) sentiram a falta de Montillo, substituído por causa de dores na panturrilha direita. Sem ele, faltou articulação e criação. Cicero tentou, mas não é meia. Trata-se de atleta que conduz a bola e chuta. Fora de posição, seu rendimento esteve longe do habitual. Arouca, suspenso, leva a bola em direção ao ataque. Renê Júnior, com características mais defensivas, tentou sem êxito fazer a mesma função. Alison procurou auxiliar, e errou muitos passes. Aliás, quando avançava, abria espaços na frente da zaga, que ficou várias vezes no 'mano a mano' com os rivais. Leandrinho e Léo Cittadini pouco apareceram. Assim, o meio-campo não retia a bola, não fazia infiltrações. Os setores ficaram distantes uns dos outros.

Quando o duelo acabou, o técnico Claudinei Oliveira declarou que poderia ter sido pior. Fato. Afinal, o Timbu foi melhor e merecia mais do que o 1 a 1.

Se o adversário fosse um pouco mais forte, o prejuízo seria grande. Para que se tenha ideia, os pernambucanos tiveram estatísticas iguais às do Botafogo (equipe que venceu o Peixe por 2 a 1). Um exemplo: ambos tiveram posse de bola de 41% e finalizaram 13 vezes. Portanto, a qualidade das peças fez diferença para que o Alvinegro não fosse derrotado pelo lanterna do Brasileiro.

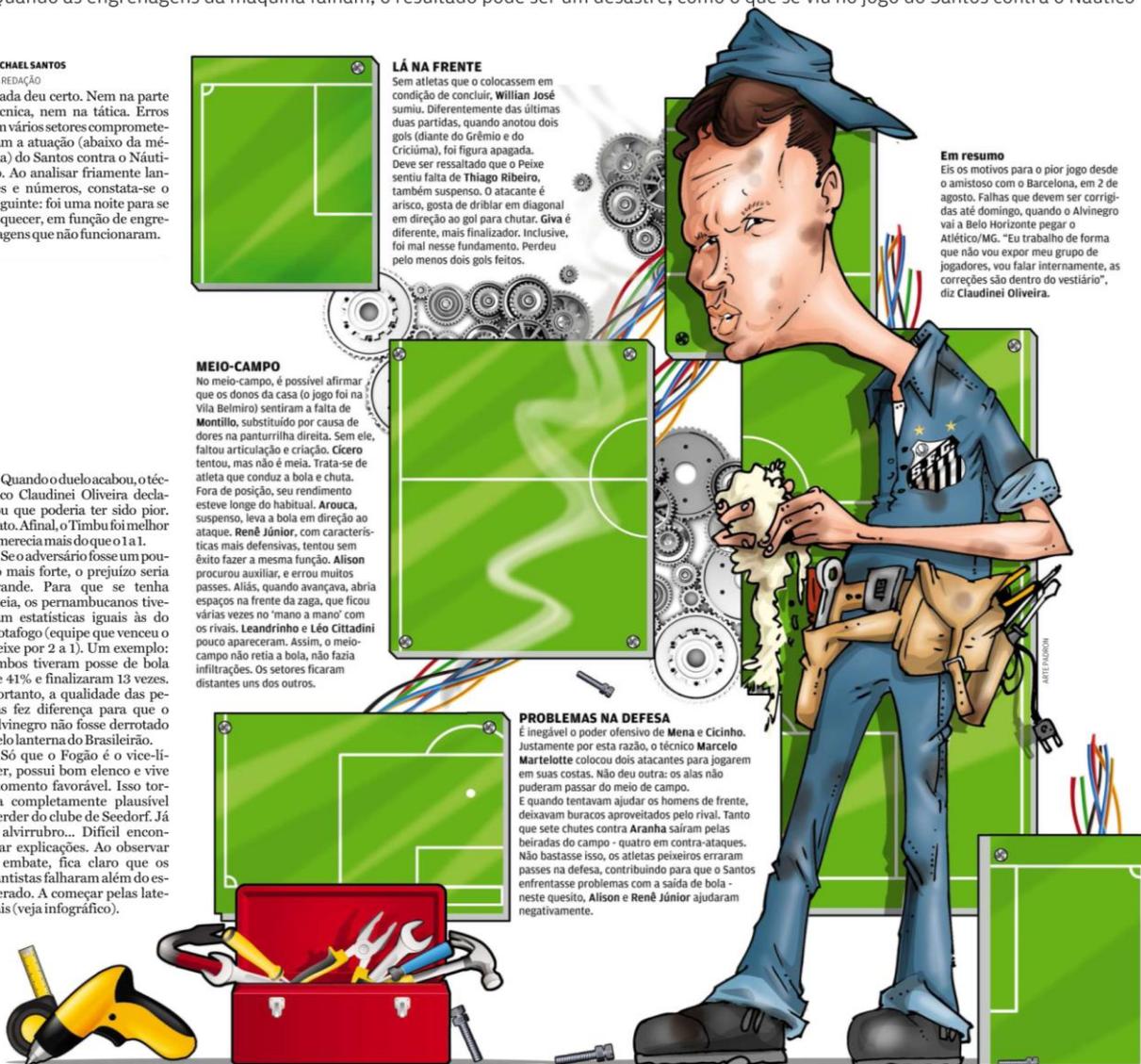
Só que o Fogão é o vice-líder, possui bom elenco e vive momento favorável. Isso torna completamente plausível perder do clube de Seedorf. Já o alvirrubro... Difícil encontrar explicações. Ao observar o embate, fica claro que os santistas falharam além do esperado. A começar pelas laterais (veja infográfico).

PROBLEMAS NA DEFESA

É inegável o poder ofensivo de Mena e Cicinho. Justamente por esta razão, o técnico Marcelo Martelotte colocou dois atacantes para jogarem em suas costas. Não deu outra: os alas não puderam passar do meio de campo. E quando tentavam ajudar os homens de frente, deixavam buracos aproveitados pelo rival. Tanto que sete chutes contra Aranha saíram pelas beiradas do campo - quatro em contra-ataques. Não bastasse isso, os atletas peixeiros erraram passes na defesa, contribuindo para que o Santos enfrentasse problemas com a saída de bola - neste quesito, Alison e Renê Júnior ajudaram negativamente.

Em resumo

Eis os motivos para o pior jogo desde o amistoso com o Barcelona, em 2 de agosto. Falhas que devem ser corrigidas até domingo, quando o Alvinegro vai a Belo Horizonte pegar o Atlético/MG. "Eu trabalho de forma que não vou expor meu grupo de jogadores, vou falar internamente, as correções são dentro do vestiário", diz Claudinei Oliveira.



Ansiedade está atrapalhando o Santos. Psicologia explica

Tem sido comum. Quando o Santos pega times da zona de rebaixamento, encara problemas ou não consegue vencer, ou corre grande risco de perder. Foi assim mais uma vez com o Náutico. Uma das dificuldades que atrapalham o Peixe nesses duelos é o psicológico.

"Está virando trauma para o clube. Os jogadores entram com preocupação, com objetivo de ganhar a qualquer custo. Assim, entram em um nível de ansiedade que atrapalha mais o desempenho do que em outra situação", afirma Hélio Alves, professor do curso de Psicologia da Universidade Católica de Santos (UniSantos).

Segundo o especialista, o quadro faz a equipe reagir apenas quando se vê em desvantagem. "Parece que tem que tomar gol para jogar. Ficar em

situação desfavorável para conseguir resultado".

Há, contudo, um lado curioso. Para quem imagina que os mais novos sentem mais a pressão, uma surpresa. "Isso é pessoal, independe da idade. Eu sei que quem está começando é inexperiente. Mas tem gente que entra e administra bem, o peso não é tão grande. Outros não conseguem (fazer o mesmo)".

Para Alves, a torcida precisa ser tolerante neste momento, o que a torna suporte para os jogadores. A atitude é importante porque, do contrário, o elenco pode ficar abatido para a sequência do Brasileiro. (MS)

Cicinho ainda tenta justificar o desastre

Um dia após o empate com o Náutico, o lateral-direito Cicinho tentou explicar o resultado negativo na Vila Belmiro. Em suas palavras, fica claro que o time está incomodado com o desempenho. E ele sabe que a torcida também. Afinal, o ala concorda que o time enfrenta dificuldades na própria casa.

Geralmente extrovertido, o atleta, ontem, não tinha razões para sorrir. Ao recordar da partida, fechava a expressão. "Tem dia que a gente não está bem, ontem (quarta-feira) foi assim. Temos que procurar esquecer esse jogo. No meu ver, foi a nossa pior partida mesmo, não acertamos nada", desabafa.

Peixe reflete o outro

"Quando a personalidade não está estruturada, há identificação com o outro. Aí, você se mistura ao outro. Se levar a relação ao Santos, ele se mistura e fica igual ao adversário: contra os grandes, joga como grande; com os pequenos, se identifica com os pequenos - isso só não aconteceu com o Barca. É como um espelho: reflete o que o outro apresenta. Para resolver, o grupo deve assimilar seus valores e explorá-los. Não é o ambiente que dá o tom, é o próprio time"

Hélio Alves, professor de Psicologia

foi a imprensa que taxou os três pontos como garantidos, ele lembrou que vários já tinham avisado que o Náutico tem bons jogadores. E que, mesmo focado, o Santos não conseguiu fazer o planejado.

Ainda com expressão de poucos amigos, mas não querendo parecer que era uma desculpa, Cicinho atribuiu o mau desem-

penho ao desgaste físico causado pela maratona de jogos. E sabendo das derrotas em casa, deixou claro que, na opinião dele, é uma má fase.

"Não temos feito bons jogos dentro de casa. Temos dificuldades, mas vamos procurar fazer os pontos agora", diz o jogador. Ele nega que o Peixe, ultimamente, tenha entrado em

campo para jogar só o suficiente para não perder, como acusam alguns torcedores.

"Nossa equipe sempre entra para vencer. É difícil passar um jogo sem fazer gols e infelizmente em algumas partidas não tem dado. Estamos em processo de evolução, tentando acertar todos os detalhes para poder fazer os gols, ficar bem postados e não tomar", defende.

Apesar da situação, o atleta entende que é hora de olhar para frente, buscar recuperar os pontos perdidos. "Ficamos a seis pontos do G-4. Sabemos da qualidade do nosso time como ganhamos do Fluminense fora. Internacional, podemos surpreender, sim. Vamos procurar acertar o que faltou e voltar a jogar bem, para fazer um grande jogo contra o Atlético/MG", projeta.